

REFLEXÕES SOBRE O MUNDO DO TRABALHO: O MEIO AMBIENTE E A INTENSIFICAÇÃO DA CATEGORIA DE CATADORES DE LIXO

Rita de Cássia Lopes de Oliveira MENDES*

- RESUMO: Nas últimas décadas o mundo globalizado vem passando por profundas transformações, as quais orientam uma reestruturação produtiva em níveis flexíveis, desencadeando o desemprego estrutural, com conseqüências singulares no interior do mundo do trabalho. Uma das preocupações dessa era é com o meio ambiente, a degradação ambiental, a ocupação de solo, a destruição de ecossistemas, a alocação espacial de poluentes, a falta de qualidade de vida da população excluída pelos grandes projetos de desenvolvimento, a forma de produção e o excessivo consumo, incentivado pelas indústrias e mídias, que gradativamente intensifica a existência de uma categoria de trabalhadores: os Catadores de lixo.
- PALAVRAS-CHAVE: Mundo do trabalho; meio ambiente; catadores de lixo.

Introdução

Nas últimas décadas o mundo do trabalho vem passando por profundas transformações, as quais são observadas diretamente nas relações sociais. Produzir sem degradar o meio ambiente, manter um consumo consciente, privar pela qualidade de vida de todos, sem exceção, nesse mesmo espaço, são desafios impostos pela condição lastimável que o mundo hoje se encontra. A geração do desemprego estrutural, a exclusão social e o trabalho informal, resultam na marginalização de categorias de trabalhadores, como a dos Catadores de Lixo.

Desenvolvimento

Refletir sobre o tema suscitado é de fato tarefa árdua e, porque não dizer, polêmica. Para tanto vamos privilegiar um

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP/Franca, professora do curso de Serviço Social do Instituto de Ensino Superior de Bebedouro – IMESB e Assistente Social credenciada pela Caixa Econômica Federal para desenvolvimento de Projetos Sociais. Neide Aparecida de Souza Lehfeld (Orientadora)

enfoque analítico que considera o trabalho como ser ontológico do processo de reprodução capitalista atual.

É preciso considerar antes que o trabalho nem sempre ocupou esse lugar, haja vista que em outros tempos da humanidade era considerado como um fardo; a etimologia da palavra **trabalho** no latim “tripalium”, significa instrumento de tortura e **labor** um esforço penoso, dor, sofrimento e fadiga. Entretanto o trabalho no capitalismo, além de exercer papel central na dinâmica social, assume um valor ético e moral cujo desempenho se torna virtude (WEBER, 1983).

Na perspectiva marxista o homem é um ser social e que quanto mais se recua na história, mais dependente aparece o indivíduo ao conjunto a que pertence e que somente a partir do século XVIII, com a sociedade burguesa, as diversas formas do conjunto social passaram a apresentar-se ao indivíduo como simples meio de realizar seus fins privados, como necessidade exterior, precisamente no momento em que as relações sociais alcançam um alto grau de desenvolvimento.

Em relação ao trabalho, sustenta Marx que logo ao nascer, o indivíduo é constrangido ao trabalho assalariado pela distribuição social. É importante dizer, assim como o capital, o trabalho também se porta como uma relação social universal, não mais localizado e particular. Dessa forma o trabalho torna-se uma forma ou *potencialidade* que pertence exclusivamente ao homem. O trabalho é o que sustenta o capitalismo.

Nas últimas décadas o mundo do trabalho vem passando por profundas transformações, as quais orientam uma reestruturação produtiva em níveis flexíveis, desencadeando o desemprego estrutural, com conseqüências singulares em seu interior, influenciando nas relações sociais nas dimensões tanto do global como do local, de forma dialética.

Cabe destacar, que nessa nova face do capitalismo, ocorre a exacerbação da disciplina do trabalho, ou seja, nunca se trabalhou tanto, porém constata-se a diminuição considerável da renda do trabalho. Assim, não é a centralidade do trabalho a chave para descobrir os problemas atuais, mas as transformações no interior desse próprio trabalho. Como exemplo dessa mudança pode citar a crise do fordismo/taylorismo e a ascensão de novos modelos produtivos, como o toyotismo.

É claro que todas as transformações que mencionamos, por si só já indicam novos rumos à temática relacionada ao trabalho, porém temos que citar, mesmo que rapidamente, que o debate em torno da chamada perda da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo, deve-se a difusão de teorias das quais destacamos as obras de André Gorz (1982) “Adeus ao proletariado” e Claus OFFE (1985) “Capitalismo desorganizado”. Os mesmos afirmam que o trabalho, numa fase “pós-industrial” não estaria cumprindo o seu papel histórico de criar valor, ou seja, acreditam que a diminuição da necessidade do trabalho socialmente produzido indicaria esse deslocamento da sua centralidade.

Temos que admitir, que o trabalho mudou de caráter, mudou seu sentido, como aborda Ricardo Antunes (2001), mas não deixou de ser central.

Toda essa apresentação reflexiva que fizemos até aqui é fundamental porque se trata de um fenômeno mundial, portanto no que diz respeito ao Brasil, o capitalismo em sua nova configuração, o chamado processo de reestruturação produtiva, de maneira geral, irrompe de forma efetiva a partir dos anos 1990, com um conjunto de políticas de ajuste e de modernização tecnológica das empresas que se iniciam no país desde o final dos anos 1960. Esse processo principia instigado pelos novos padrões de competitividade internacional, e por um conjunto de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais. Nesse novo contexto, no discurso empresarial, a inovação tecnológica e organizacional desponta como elemento fundamental para assegurar melhor qualidade e produtividade. As empresas, diante de um panorama de redemocratização e com o ressurgimento do movimento operário e sindical, nas décadas de 1970 a 1980, reforçam a perspectiva de encontrar novos modelos de gestão de pessoal. Os impactos dessa nova face do sistema capitalista de produção repercutem de distintas formas, por exemplo o desemprego estrutural e a precarização da condição de trabalho (já citado anteriormente) que não são processos negociados, mas impostos à “classe que vive do trabalho” pela classe capitalista (ANTUNES, 2001). Constata-se o acúmulo cada vez maior de capital e poder para uns e, para outros, verifica-se a precarização dos direitos do trabalho, as políticas sociais pobres, a terceirização, o desemprego e a informalidade que alinhava o leque de prejuízos e injustiças sociais. Outro ponto importante é a chamada injustiça ambiental

(CARVALHO, 2004), a que resulta da lógica perversa de um sistema de produção, de ocupação de solo, de destruição de ecossistemas, de alocação espacial de processos poluentes, que penaliza as condições de saúde da população excluída pelos grandes projetos de desenvolvimento, sem comentar ainda, sobre a degradação ambiental que a nova maneira de consumir, excessivamente, vem aumentando significativamente.

Essa forma de produção capitalista coloca em risco toda a humanidade com referência ao meio ambiente. Segundo Giddens (1991) a ameaça ecológica é o resultado de conhecimento socialmente organizado pelo impacto do industrialismo sobre o meio ambiente material. Na perspectiva marxista, o trabalho em sua determinação mais abstrata e universal, é antes de tudo a transação entre o homem e a natureza, onde o primeiro por meio de sua própria atividade controla e regula um sistema de trocas energéticas com o segundo, ambos constituindo os momentos da mesma totalidade dinâmica (GIANNOTTI, 1966). Diminuir a exploração excessiva dos recursos naturais significa modificar a maneira com que o homem está acostumado a se relacionar com a natureza.

Os impactos do sistema capitalista de produção repercutem de distintas formas no meio ambiente. Isso equivale dizer que o ambiente reflete diretamente o cotidiano das pessoas, dimensionando parte considerável dos problemas sociais. Ressalta-se, portanto, nessa perspectiva de análise, que o social e o ambiental não estão em campos diferentes, muito pelo contrário, ao se falar de meio ambiente, fala-se do social e vice-versa.

A vida social vem sendo influenciada pelo crescente incentivo ao consumo. O valor atribuído para o ser humano também está se metamorfoseando. O *ter* foi aos poucos roubando o espaço do *ser* e, nesta nova sociedade, o homem necessita *aparentar ter*. As propagandas cada vez mais sofisticadas e com um cunho psicológico; a criação da moda; os padrões de beleza tanto humana, como das mercadorias e as condições facilitadas de pagamento, vem corroborar que o consumo excessivo é um dos males da sociedade moderna.

Interessante observar que a preocupação ambiental interfere diretamente no marketing de produtos comercializáveis. A empresa que divulga sua responsabilidade social conquista mais compradores e fornecedores, além de apresentar uma imagem melhor perante as outras. Essa relação é extremamente

contraditória, pois à medida que a empresa vende mais, devido ao seu discurso ambiental, contribui efetivamente para o aumento dos resíduos sólidos e pelo sucateamento de produtos, instigando ao consumo inconsciente. Segundo relatório *State of the World 2004* (Estado do Mundo 2004), elaborado pelo WorldWatch Institute, o Brasil é o sétimo país que mais consome¹ no mundo e esse consumo excessivo está diminuindo a qualidade de vida de muitas pessoas devido aos altos níveis de obesidade, às dívidas pessoais, ao pouco tempo livre e à danificação ao meio ambiente. (BRASIL É O 7º ..., 09 jan. 2004). Kuhnen (2001), partilha da mesma idéia quando afirma que o volume de resíduo sólido que a sociedade produz é uma das fontes indiscutíveis de deterioração ambiental.

O lixo é, talvez, o maior problema da era capitalista, em escala mundial, com consequência direta nas esferas do social e da saúde. Demonstra o contexto em que dada sociedade vive, os seus costumes e os valores preservados. A forma com que é tratado o meio ambiente, a ocupação do espaço físico, o destino que é dado ao lixo (resíduo sólido) e o “valor” que esse tem para a sociedade, demonstra uma questão cultural, que suscitam algumas dúvidas, como: qual é o significado do lixo na sociedade de consumo, já que, segundo Kuhnen (2001), o excesso de resíduo é um expoente do estilo de vida adotado?

[...] o lixo é aquilo que sobra da vida, o lixo também poderá ser entendido como o que sobra da vida dos objetos. Como pensar a iminência do descartável em nossa atual sociedade, embutida de valores de substituir por algo mais novo, mais moderno, resultando em mais lixo continuamente? (p. 27).

Os catadores de lixo é uma categoria de trabalho que está se intensificando na sociedade do consumo. São trabalhadores marginalizados, sem direitos trabalhistas. São frutos do resultado da lógica capitalista. Trabalham para sobreviver da sobrevivência dos resíduos sólidos, os quais por resultado de um padrão de uso e de valor, foi destinado ao descarte. Os catadores de rua vêm exercendo

¹ O “público consumidor” é definido pelo relatório com base na análise do consultor Matthew Bentley, do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas, que define como “classe consumidora” as pessoas com poder de compra (renda ajustada segundo preços locais) de mais de US\$ 7 mil, ou cerca de R\$ 20 mil, por ano. (BRASIL É O 7º ..., 9 Jan. 2004).

um papel de incentivo à seleção dos resíduos nas próprias residências, contribuindo com a reciclagem e ao mesmo tempo com o meio ambiente. No entanto, esse não é ato consciente.

A desigualdade econômica atrelada a essa criação de necessidades da sociedade de consumo, leva essas pessoas a procurarem formas de trabalho que lhes dêem o status de inclusão social, mesmo estando no mercado informal e sofrendo discriminações por parte da sociedade, como é o caso desses Catadores de Lixo.

Lutar contra o desemprego é também lutar contra o medo, ou seja, um sentimento de vergonha (FORRESTER, 1997) pela incapacidade de se manter incluído no sistema.

A falta de emprego continua sendo um problema que, além de influenciar na situação econômica das pessoas, é também um problema social. A vergonha de ser excluído limita, tanto quanto as dificuldades financeiras decorrentes do desemprego, pois causam um sentimento de incapacidade diante da “roda viva” do mercado. (MENDES, 2003, p. 102).

A mudança societal para uma melhor qualidade de vida ambiental requer mudanças no estilo de vida e na maneira de pensar de uma coletividade. O homem é um ser social e o processo de se tornar homem se efetua com correlação com o ambiente que é produzido pelo próprio homem, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas (BERGER; LUCKMANN, 1991). A tomada de consciência cria condições para a luta por melhores condições e qualidade de vida.

Assim, na Eco92 foram propostas, de forma mundial, alternativas para o aumento da capacidade de resiliência da terra, ou seja, um novo modelo de desenvolvimento chamado sustentável. Isso, conforme já mencionado, significa alterar o modo de pensar, principalmente com relação à produção industrial e a liberação de dióxido de carbono no ar.

O apelo com relação a uma nova maneira de produzir e comercializar, de consumir, de distribuir os pólos industriais no país, de preservação ambiental, de governabilidade e ética para um desenvolvimento sustentável, deve partir de uma nova maneira de viver, de valores voltados principalmente à conservação do meio ambiente.

Modificar paradigmas é um trabalho árduo, processual, dialético e histórico. Segundo LUZZI,

A humanidade chegou a uma encruzilhada que exige examinar-se para tentar achar novos rumos e refletir sobre a cultura, as crenças, os valores e conhecimentos em que se baseia o comportamento cotidiano, assim como sobre o paradigma antropológico-social que persiste nas ações, no qual a educação tem um enorme peso. (2005, p. 382).

A Educação Ambiental aliada ao desenvolvimento sustentável e as atividades da Agenda 21, a qual propõe um plano de ação para o desenvolvimento sustentável, indicando um instrumento de formulação de políticas públicas globais e locais por meio do planejamento estratégicos, participativo e co-responsável, define e estabelece prioridades a serem executadas entre governo e sociedade, conciliando métodos de proteção ambiental, com justiça social e eficiência econômica. É assim uma forma de iniciar um processo de conscientização.

Conclusão

Nada transforma sem conscientização, a qual nasce da educação, da crítica e da indignação. Os catadores de lixo, categoria fruto desse sistema, vem contribuir para a destinação dos resíduos sólidos à reciclagem, assim colabora com meio ambiente. Porém, a existência de lixões e de excesso de resíduo, significa que as pessoas, incluindo as proprietárias de meio de produção, não estão conscientes dos danos que vem sofrendo o nosso espaço e que a qualidade de vida vem diminuindo a cada dia, principalmente para população de baixa renda, excluída dos projetos de desenvolvimento. E aqui, insere-se também o catador nesse ciclo vicioso.

MENDES, R. C. L. O. Reflections on labor world: the environment and the intensification of the garbage pickers category. *Serviço Social & Realidade* (Franca), v. 16, n. 1, p. 9-28, 2007.

ABSTRACT: In the last decades the globalized world is passing by deep transformations, which guide a productive restructuring in flexible levels, unchaining the structural unemployment, with singular consequences inside the

labor world. One of the concerns of that era is with the environment, the environmental degradation, the soil occupation, the destruction of ecosystems, the space allocation of pollutant, the lack of quality of life of the population excluded by the great development projects, the production form and the excessive consumption, motivated for industries and media, that gradually intensifies the existence of a category of workers: the garbage pickers.

KEYWORDS: *Labor world; environment; garbage pickers.*

Referências

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

BERGER, P. I.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRASIL É 7º MERCADO CONSUMIDOR DO MUNDO, MAS SÓ 33% ESTÃO INCLUÍDOS, *Revista Veja*, 09 jan. 2004. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/2004/01/09/bbc/ult36u28816jhtm>>.

Acesso em 10 jan. 2004). GIANNOTTI, J. A. *Origens da dialética do trabalho*. SP: Difusão Européia do Livro, 1966.

CARVALHO, I. C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004. (Col. Docência).

GIANNOTTI, J. A. *Origens da dialética do trabalho*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GORZ, A. (Org.). *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KUHNEN, A. *Representações sociais de meio ambiente: estudo das transformações, apropriações e modo de vida na Lagoa da Conceição/ Florianópolis/ Santa Catarina*. 2001. Tese (Doutorado

em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

LUZZI, D. Educação ambiental: pedagogia, política e sociedade. In Fhilippi Jr. Arlindo; Pelicioni, Maria Cecília Focesi (ed.). Educação ambiental e sustentabilidade. Barueri: Manole, 2005.

FORRESTER, V. *O horror econômico*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1997.

MENDES, R. de C. L. de O. *Organização comunitária em busca da qualidade de vida: dinâmica e lutas* (Franca/SP 1991-2002). 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Franca/SP.

OFFE, C. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983.

Artigo recebido em agosto/2006. Aprovado em fevereiro/2007